



MORAL E POLÍTICA NA ALTA MODERNIDADE: UMA CARTOGRAFIA DA FRAGMENTAÇÃO

Alexandre Fernandes Corrêa*

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

alexcorrea@macae.ufrj.br

Resumo: Reflexão sobre as dominantes socioculturais na estrutura da subjetividade contemporânea. Visitando autores clássicos e modernos da cultura sociológica, propomos uma reflexão sobre as possibilidades de novos reposicionamentos da teoria social para a compreensão da formação subjetiva na atualidade, com o foco de análise na estrutura moral e política.

Palavras-Chave: Subjetividade, Moral, Política, Cultura Sociológica.

MORAL AND POLICS IN HIGH MODERNITY: A MAP OF FRAGMENTATION.

Abstract: A reflection of the socio-cultural structure of contemporary subjectivity. Visiting classic and modern authors of the sociological culture, we propose a reflection about possibilities of new repositioning of social theory to understanding the subjective training nowadays, focusing the analysis in moral and political structure.

Key-words: Subjectivity, Moral, Politics, Sociological Culture.

A constante renovação das regras e condutas condiciona a vida inaugurando novas configurações histórico-culturais. Podemos designar o momento histórico atual com diferentes designações, dependendo dos autores aos quais nos filiaros na descrição das características mais elementares ou sobressalentes de nossa era. Marcada pela fragmentação e indeterminação, e sem possibilidade de qualquer discurso

* Professor Associado IV - NUPEM UFRJ Macaé. Bacharel em Ciências Sociais (IFCS/UFRJ). Mestre em Antropologia Cultural (UFPe). Doutor em Ciências Sociais (PUC/SP). Coordenador do Grupo de Pesquisa *CRISOL Pesquisas em Estudos Culturais*.

universalizante, coloca-se em xeque a própria historicidade e continuidade do processo social na atualidade. A fim de desenhar um mapa sinótico das principais tensões que marcam o nosso tempo, nos propomos nesse texto refletir sobre indagações e inquietações de envergadura sociológica tais como: Quais são os principais fundamentos e as bases da superestrutura moral e ética na sociedade contemporânea? Uma nova estrutura de sentidos¹ está em evolução ou apresenta descontinuidade e ruptura com o passado recente e com a própria tradição moderna?²

A modernidade inaugurou novos parâmetros teóricos, políticos e culturais, todavia até que ponto ainda podemos seguir com eles? As análises e estudos sobre a sociedade, que trabalham o contexto contemporâneo, ainda podem manter-se válidos no estágio atual da modernidade? Surgem muitas pretensões de negação pós-moderna desses parâmetros. No entanto, para outros teóricos a permanência dos parâmetros modernistas é reafirmada e defendida, mesmo reconhecendo a diferença de intensificação e configuração de fragmentos possíveis, tais como na realidade se apresentam hoje.

Para responder estas indagações, apresentamos nesse texto um esboço de cartografia panorâmica da atualidade, referente à aspectos mais circunscritos da moral e da política.³ Apesar de perceber a contemporaneidade como um tempo de singularidades próprias ao capitalismo tardio, seria um equívoco concluir pela superação pura e simples dos modernos parâmetros socioculturais, que, como se verá, ainda sustentam o atual sistema sócio-produtivo. Nos parece que o reconhecimento de uma reconfiguração hiper ou supermoderna não requer o aniquilamento dos parâmetros da alta modernidade, mas sim o reposicionamento da inter-relação destes contextos e do compartilhamento que fazem entre si, na realidade. Tomando tal perspectiva vamos utilizar de autores que ora se aproximam e ora se afastam, num dança teórica de consequências epistemológicas ora mais profundas, ora mais superficiais. Nosso intuito não é descrever uma trajetória ortodoxa, nem ser fiel a qualquer escola ou matriz teórica, apenas convidamos o leitor para um breve percurso sobre algumas das mais instigantes tentativas do pensamento sociológico contemporâneo em abraçar o tempo presente.

¹ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

² ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

³ Texto produzido a partir de palestra apresentada no Mini Curso Ética & Política - PROJETO HUMANIDADES (2014) - NUPEM UFRJ Macaé.

O leitor mais especializado poderá sentir certo desconforto nesse transcurso heterodoxo, contudo não terá porque fustigar heresias, pois afinal nosso objetivo é tão somente abrir o debate e não trazer respostas prontas. Nos parece mais fecundo trabalhar as perguntas e torná-las mais pertinentes às nossas inquietações presentes, do que já sacar do repertório teórico fórmulas pré-estabelecidas ou cognitivamente viciadas. Feito esse convite para um debate aberto aos novos possíveis *insights* sobre a temática abordada traçaremos nosso mapa imaginário alinhavando cartografias sem pretensão de ser mais real que o próprio cenário descrito.

Entretanto, vamos nos aproximar de algumas balizas ancorados num confronto já bastante difundido e celebrado. Trata-se do embate entre as ideias de Gilles Lipovetsky e Zigmunt Bauman. Ao elegermos os temas da moral e da política como objetos dessa reflexão, escolhemos estabelecer a partir deles os pontos de referência para visitar aspectos da controvérsia entre esses dois pensadores contemporâneos. Tal escolha não significou a exclusividade do debate aos dois autores citados, pois outros pensadores serão envolvidos nessa tentativa de desvendar as tramas entrelaçadas na cultura contemporânea entre as formações subjetivas dominantes na atualidade. Desse modo, abriremos o debate chamando a frente as ideias de Lipovetsky e, após a companhia de outros autores, convidaremos Bauman para alinhar as linhas finais desse trajeto.

Portanto, já seguindo o plano traçado na abertura, podemos iniciar considerando a sugestão de Gilles Lipovetsky aquela na qual sustenta que três parâmetros modernos permanecem ou são intensificados na atualidade, continuando a atuar e alicerçar o mundo contemporâneo. Os três parâmetros indicados são de referência oportuna e merecem ser avaliados concomitante ao alcance do seu conceito de *hipermodernidade* intrinsecamente vinculado, com o qual esse autor pretende dar conta das transformações da alta modernidade indicando, como que numa cápsula, a cultura do excesso, do sempre mais, num tempo marcado pelo efêmero. Assim, ao contrário dos que acreditam que saímos da modernidade, ou que nós já estaríamos numa suposta pós-modernidade sem nome, o que assistimos hoje parece possuir, segundo ainda o mesmo autor, as características de uma aceleração histórica sob os mesmos pilares modernos. Resumindo aqui seu pensamento de um modo sumário, ele entende que o período que vivemos se caracteriza pela intensificação, sem precedentes, do tripé

característico da modernidade: mercado, cultura individualista democrática e escalada técnico-científica.

No que concerne ao tema debatido neste texto, estes pilares balizam bem os processos que ocorrem em domínios tidos comumente como isolados. O incremento das forças mercadológicas, a crescente difusão da ideologia individualista e o acelerado avanço da tecnociência e da biotecnologia, comprovam no geral as teses de Gilles Lipovetsky⁴. Testemunhamos assim no auge da alta modernidade, o surgimento de um novo teatro das estruturas subjetivas condicionantes da moral e da política atuais. A lógica cultural capitalista penetrou em todos os domínios, do inconsciente à produção da vida: parece que agora chegou a hora das estruturas culturais e subjetivas correrem esses mesmos riscos com a nova engenharia sócio-técnica que se anuncia⁵.

Dessa forma, para nos aprofundarmos no debate, propomos sob as coordenadas destes parâmetros socioculturais hegemônicos um exercício reflexivo que pode ser considerado um tipo *sui generis* de Laboratório Sociológico, nesse caso tomando como objeto particular de análise semiológica a *Cultura do Dinheiro*⁶. Utilizaremos alguns recursos do método fenomenológico na experimentação desse laboratório, em especial no uso do raciocínio de tipo extremo, que consiste em “tomar algumas tendências constatáveis nos dados da pesquisa ou na elaboração teórica e levá-las até as últimas consequências lógicas”⁷. Esse método deve ser sempre operacionalizado com o cuidado de estar alerta para os riscos do dramatizar e caricaturar; apesar de que como sugeria Roland Barthes o objeto sociológico privilegiado é o estereótipo⁸.

Assim, nesse trabalho semiológico tomamos o *dinheiro*⁹ como signo dominante, sinônimo de sucesso e de pessoa bem sucedida; indivíduo que adquiriu graça e prosperidade na terra, e em vida. O que se difunde e viceja é a crença de que o dinheiro é *bom*. De tal sorte, que nesse aspecto nos aproximamos diretamente das

⁴ LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Lisboa: Relógio D'água. 1989

⁵ Sobre o "impacto sócio-técnico da informação digital e genética" ver a obra do sociólogo brasileiro SANTOS, Laymert Garcia dos. **Politizar as novas tecnologias**. São Paulo: 34, 2003.

⁶ JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro**. Petrópolis: Vozes, 2001.

⁷ RODRIGUES, José C. **Antropologia do poder**. Rio de Janeiro: Terra Nova. 1992

⁸ BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2007.

⁹ Como escreveu Fredric Jameson: "Qualquer discussão sobre o dinheiro como mediação deve fazer um ajuste de contas com o trabalho de Georg Simmel, cuja sólida **Filosofia do Dinheiro** [1900] foi pioneira no que chamaríamos hoje de uma análise fenomenológica dessa realidade peculiar". JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 176.

intuições analíticas de Walter Benjamin, quando aponta para o que designa de *Capitalismo como Religião*¹⁰. Trata-se então de um triunfo histórico dessa cultura religiosa toda poderosa, reificada no seu culto, e liturgias sofisticadas, cotidianamente ritualizada pelos consumidores ávidos a reproduzir seu compulsivo "consumismo".

Nessa perspectiva também nos apoiamos numa espécie de análise sociológica do tipo simmeliana¹¹, perscrutando sentidos por meio de eventos quase anedóticos da vida cotidiana; dessa forma damos carne e osso à dimensão psicossociológica, partindo da observação densa da vida concreta. Como objeto empírico dessa análise tomamos os títulos mais vendidos na prateleira das livrarias das cidades contemporâneas, designada de *Livros de Auto-Ajuda*. Ao observarmos esses títulos mais concorridos se confirma a obsessão e atração frenética que os temas do consumo, do ganhar dinheiro, do sucesso, etc., repetem hodiernamente. Tais livros e publicações nos oferecem, como em capsulas, instantâneos da formação subjetiva dominante.¹²

É possível também nessa investigação identificar a obsessão pelo presente, pelo agora, o instante¹³. Sobressai desse conjunto o elogio do fragmento, certo fetichismo do detalhe. A semelhança é desvalorizada, desqualificada; o que importa é o *diferencial*. Os signos que sobressaem desse contexto são: elogio da esperteza, do "se dar bem", e um elogio do amoral. O sucesso é tudo o que se almeja. Vale tudo para conseguir dinheiro. Interesses egoístas são exaltados. São maximizados as possibilidades e oportunidades de adquirir e ter sucesso. Para tal apregoa-se não ter vínculos, possuir disposição integral para o trabalho. Exaltam-se indivíduos desapegados como se vê expresso nos textos de Isabela Freitas, especialmente no livro *Não se apega, não*.¹⁴

¹⁰ BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.

¹¹ Textos seminiais da análise simmeliana: **Filosofia do Dinheiro [1900]** e **A metrópole e a vida do espírito [1903]**. SIMMEL, G. [1903]. "A metrópole e a vida do espírito". In: FORTUNA, C. (org.). Cidade, cultura e globalização. Oeiras, Celta. 1997. E a obra **O dinheiro na cultura moderna**, de SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold (orgs.) **Simmel e a Modernidade**. Brasília: Unb, 1998. p.23-40.

¹² Exemplos de alguns dos títulos mais vendidos: **Ansiedade: como enfrentar o mal do século e As regras de ouro dos casais saudáveis** (Augusto Cury); **Os segredos da mente milionária** (T. Harv Eker); **Mentes consumistas: do consumismo à compulsão por compras** (Ana Beatriz Barbosa Silva).

¹³ Destaque para as obras de auto-ajuda: **Foco: a atenção e o seu papel fundamental para o sucesso** (Daniel Goleman); **O poder do agora** (Eckhart Talle);

¹⁴ O lema da escritora é *Se apaixonar faz parte, desapegar é arte!* Sobre o tema do *desapego* enquanto *arte* é notável a expressão dos argumentos: <http://isabelafreitas.wordpress.com/tag/desapego/>

MORAL DE CONSUMIDORES

Perscrutando as estruturas mais profundas do inconsciente social, podemos acessar conexões de sentido implícitas, observando como a obsolescência programada dos objetos e das mercadorias se acopla às estruturas subjetivas e psicológicas correspondentes. Emergem pessoas descartáveis, úteis para determinados objetivos e interesses. A desumanização das relações pressupõe a coisificação; como equações de estruturas morais anti-éticas, sinalizando para a falência moral cotidiana. A capa subjetiva se cristaliza sob a figura disseminada do cinismo e do conformismo, agora aceitos e naturalizados. Tudo em nome da estética: desapegar é arte!

Em contrapartida, ao recorrermos à Sociologia Clássica, especialmente aos estudos sobre a moral em Durkheim, recuperamos o sentido daquilo que, para o autor, sustenta o convívio social. Tal postulado teórico convida para uma socio-análise apurada e que parte do cânone já consagrado. Nesse enfoque a preocupação central se dá pelo alerta das consequências nefastas dos excessos do individualismo.



Podemos dizer de maneira geral, que a característica das regras morais é que elas enunciam as condições fundamentais da solidariedade social. O direito e a moral são o conjunto de vínculos que nos prendem uns aos outros e à sociedade. Que fazem da massa dos indivíduos um agregado e um todo coerente. É moral, pode-se dizer, tudo que é fonte de solidariedade, tudo o que força o homem a contar com outrem, a reger seus movimentos com base em outra coisa que não os impulsos do seu egoísmo, e a moralidade é tanto mais sólida quanto mais numerosos e mais fortes esses vínculos.¹⁵

A solidez invocada por uma moralidade que se tece na urdidura dos vínculos, sucumbe numa sociedade cada vez mais líquida, liquefeita, em *liquidação* permanente. Nossa atenção então se fixa nessa conexão de sentido explícita no texto clássico agora sob o jogo da contradição: Solidez *versus* Liqueidez... Como se sabe, a preocupação recorrente com os excessos do individualismo não aturdiu apenas Durkheim. Como ele, seu sobrinho Marcel Mauss também se afligia pela ideia de que era preciso evitar as consequências deletérias ao laço social do espírito mercantil, pois: "Não temos apenas uma moral de comerciantes".¹⁶

¹⁵ DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 420.

¹⁶ MAUSS, Marcel. Ensaio sobre o dom. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 163.

Porém, em nossos tempos estaria a moralidade livre das forças fiduciárias, uma moral desinteressada, definitivamente com os dias contados? Estaríamos testemunhando a “morte da ética” e a transição para a nova era do "pós-dever"? Será que a ética, no tempo pós-moderno, está sendo substituída pela estética¹⁷? Adentramos inexoravelmente na era dos indivíduos performáticos em busca da realização pessoal e financeira tão sagrada? Para alguns autores o pós-modernismo traz a “emancipação” de padrões morais: liberta do dever e desarticula a moral da responsabilidade.¹⁸

O estudo da perspectiva pós-moderna da ética tornou-se tema de pesquisa profunda em outros tantos autores críticos. Para Zigmunt Bauman, por exemplo, os grandes temas da ética não perderam nada de sua força. Contudo, precisam ser revistos e tratados de modo inteiramente novo. Para o sociólogo polonês, ao contrário, nossa era pode representar uma alvorada e não um entardecer para a Ética.

Um inventário sumário dos problemas morais contemporâneos direciona nosso foco de análise para muitos sentidos aparentemente paradoxais. Os novos problemas da atualidade, desconhecidos de gerações passadas ou não percebidos por elas, nos assolam de modo avassalador. Velhos problemas também adquiriram novas formas. Aspectos da “agenda moral” de nossos tempos atormentam a todos cotidianamente.

A idade moderna atinge sua fase autocrítica - muitas vezes autodepreciante e de muitos outros modos autodesmantelante - e muitos caminhos antes seguidos por teorias éticas começaram a parecer semelhantes a um beco sem saída. Entretanto, pode ser uma nova abertura para a possibilidade de compreensão radicalmente nova dos fenômenos morais.

ÉTICA DEPRECIADA

Em nossa época a própria ética é escarnecida, como uma das constrições tipicamente modernas agora quebradas e destinadas ao cesto do lixo da história. Difunde-se a ideia de que passamos por “revolução ética pós-moderna” – a era do “pós-dever”, do descompromisso; tão exaltado no texto de Gilles Lipovetsky intitulado *A Sociedade Pós-Moralista*.¹⁹ Em poucas linhas, o filósofo francês considera que a crença

¹⁷ Destaque para o lema exaltado pela jovem escritora Isabela Freitas: Desapegar é arte!

¹⁸ LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazío**. Lisboa: Relógio D'água. 1989

¹⁹ LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade pós-moralista**. Barueri: Manole, 2005. p. 258.

de que libertamos nossa conduta dos últimos vestígios de opressivos “deveres infinitos”, “mandamentos” e “obrigações” absolutos, é a marca de nossa época. Detecta que deslegitimou-se a ideia de auto-sacrifício, e as pessoas não são mais estimuladas ou desejosas de se lançar na busca de ideais morais e cultivar valores morais. E os políticos profissionais, selando esse perfil obscuro, depuseram as utopias e os idealistas de ontem tornaram-se pragmáticos.

Porém, reencontrando impressões mais críticas, qual seria a tarefa da Sociologia nesse contexto? Com base em Bauman, a ciência da sociedade trata de compreender como a regulamentação moral foi “descarregada” do arsenal de armas outrora desenvolvido nas lutas auto-reprodutivas da sociedade.²⁰ Para esse autor, não se trata de aceitar a “vida como ela é”: algo não está certo, só porque existe. Esse ponto é crucial, marcando o distanciamento do pensador polonês, do filósofo francês referido. Para Bauman é preciso rasgar a máscara das ilusões e reconhecer certas pretensões como falsas e certos objetivos como inatingíveis. Ao encetar tais linhas de ação reflexiva, faz eco a Horkheimer: "Para a teoria crítica não se trata apenas dos fins tais como são apresentados pelas formas de vida vigentes, mas dos homens com todas as suas possibilidades".²¹

Entretanto, num contexto tão adverso em que prolifera a "heteronomia",²² numa multidão de zumbis pós-modernos,²³ como esperar adesão à teoria crítica e às aspirações de emancipação? As resistências ao saber são difusas e poderosas, diz-se: não quero saber disso! Não entender e não saber o que faz, nem por que faz, parece ser o lema de todos: o transe pós-modernista. Numa época em que assistimos a depreciação reiterada da Psicanálise, por exemplo - considerada prática terapêutica "demorada demais" - as curas têm que ser mais rápidas: curas mágicas, xamânicas, instantâneas. Viceja a medicalização e as receitas de remédios *tarja-preta*. Desaparece uma demanda analítica e a transferência por um suposto saber.²⁴

²⁰ BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

²¹ Apud BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 156.

²² CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. E a obra do mesmo autor **As encruzilhadas do labirinto 2**. R: Paz e Terra, 1987

²³ ŽIŽEK, Slavoj. **Menos que nada**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013

²⁴ BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. E a obra do mesmo autor, **Cadernos sobre o mal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

Nessa leva, a própria Ciência Social sucumbe no lodaçal da neurose social dita pós-moderna. Pois, como não se serve para constatar apenas o que está aí, mas para problematizar e refletir criticamente, sofre da mesma desventura e indiferença geral. Ao realizar seu ofício e combater os obstáculos epistemológicos necessita enfrentar com destreza e sagacidade o tal "não querer saber", e ultrapassar as barreiras, quase sempre subjetivas, que emperram o trabalho de esclarecimento. Muito embora existam diferentes sociologias, é preciso distinguir seus traços ideológicos e pretensões de cientificidade.

No que concerne ao debate atual e contemporâneo acerca das metamorfoses no mundo do saber, e das consequências epistemológicas dessas transformações, Wallerstein nos ajuda a compreender as nuances da formação histórica do sistema-mundo, convencionalmente tratado como aceleração do processo de globalização tecnológica e econômica, mas que possui aspectos igualmente muito importantes - especialmente para nós que também nos interessamos pelos sistemas educacionais - enquanto processo de mundialização cultural. Sem dúvida que os impactos dessas transformações recentes, advindas e consolidadas no tempo desde a década de 1990 do século XX, têm consequências importantes para as estruturas do saber estabelecidas, de acordo com a sugestiva provocação do autor estadunidense: *O Fim do Mundo como o Concebemos*²⁵. Cânones clássicos do conhecimento e da ciência têm sido abalados por esses sismos epistemológicos. Os impactos desse processo global/mundial ainda não produziram todos os seus efeitos potenciais. Nossa pesquisa em domínios diversos pretende detectar, com a ajuda dessas coordenadas histórico-culturais, aspectos dessas transformações no ambiente político e moral, privilegiando as dobras da subjetividade na atualidade.

Estas reflexões críticas servem de base para respostas e inquietações vinculadas às dimensões destacadas e referidas no escopo desse breve texto. O avanço da tecnociência e a conseqüente fragmentação do conhecimento, produzem cenários que têm afetado o horizonte do porvir das Humanidades no mundo contemporâneo. Humanidades que no Brasil, e no mundo ocidental, têm sofrido reveses no contexto do sistema-mundo apontado acima. No conceito amplo de Humanidades comumente utilizado aponta-se para o espaço de diálogo entre as Ciências Humanas, entendidas

²⁵ WALLERSTEIN, Immanuel. *O fim do mundo como o concebemos*. Rio de Janeiro: Revan, 2002

como próprias das disciplinas Psicologia, Antropologia, Sociologia, História, Política, Economia e a Filosofia e as Artes. Como arremata Sérgio Rouanet:

chamar de Humanidades as disciplinas que contribuam para a formação do homem independente de qualquer finalidade utilitária imediata, isto é, que não tenham necessariamente como objetivo transmitir um saber científico ou uma competência prática, mas estruturar uma personalidade segundo uma certa paidéia, vale dizer, um ideal civilizatório e uma normatividade inscrita na tradição, ou simplesmente proporcionar um prazer lúdico.²⁶

Pesquisas exploratórias recentes sobre a representação social das Humanidades na realidade sócio-educacional revelam um quadro preocupante, revelando novas camadas de sentido sobre a estrutura moral da sociedade²⁷. A prospecção e levantamentos referentes as demandas crescentes por cursos e disciplinas em Humanidades apontam para um incremento do interesse do corpo discente para o discurso do capital.²⁸ o que isso pode ser útil para eu ganhar dinheiro? Identificamos assim, em muitos aspectos, fortes resistências às disciplinas em Humanidades presentes tanto no sistema de Ensino Médio e Superior.²⁹ Testemunhamos um novo refluxo do espírito crítico e da consciência reflexiva em nosso ambiente sociocultural. Cabe uma reflexão apurada das condicionantes de tal processo de esvaziamento do sentido existencial das vidas adolescentes e juvenis. Trata-se então de investir numa reflexão profunda que problematize os efeitos deletérios causados pelo papel secundário atribuído a dimensão simbólica e cultural na formação educacional, excessivamente técnica.

Muito embora essas reflexões todas sejam pertinente e instigantes, é preciso retomar o fio de nossas indagações iniciais, e após uma breve movimentação de *embreagem* cognitiva, recuperamos a questão: testemunhamos o crepúsculo ou renascimento da moralidade e da ética? Podemos esperar que as fontes de poder moral que estavam escondidas, possam se tornar visíveis e as razões para a sua invisibilidade

²⁶ ROUANET, Sérgio Paulo. **O espectador noturno**. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p. 309.

²⁷ PROJETO HUMANIDADES. Pesquisa, Extensão e Ensino, Projeto de Pesquisa: **A Representação Social das Humanidades no Espaço Sócio-Educacional e Acadêmico de Macaé/RJ**. Coordenação do Prof. Dr. Alexandre Fernandes Corrêa, UFRJ Macaé, 2014.

²⁸ CORRÊA, Alexandre Fernandes. **Identificações cristalizadas**. *Psicanálise & Barroco* em revista v.11, n.2: 07-17, Dez. 2013

²⁹ Ressalta-se nesse aspecto a propalada investida de nova reforma da grade curricular do Ensino Médio no país, em que se difunde a retirada das disciplinas, por parte do Conselho Nacional de Educação, das recém re-integradas Sociologia e Filosofia.

possam ser mais bem entendidas? Ou que ainda há oportunidades de “moralização” da vida social, podendo ser revigoradas? Os grandes temas da ética – direitos humanos, justiça social, equilíbrio entre cooperação pacífica e auto-afirmação pessoal, sincronização da conduta individual e do bem-estar coletivo – não perderam nada de sua atualidade; mas precisam ser vistos e tratados de maneira nova. Eis nosso desafio atual!

Para Bauman a pós-modernidade deveria ser encarada como uma “modernidade sem ilusões”, emancipada da falsa consciência, das aspirações irreais e dos objetivos irrealizáveis. Para ele, é preciso um “reencantamento” do mundo, devolvendo dignidade às emoções e legitimidade ao inexplicável do ponto de vista imediato. Livres da prisão da primeira modernidade, podemos agora nos confrontar com a capacidade ética humana sem ilusões; e sem confortos e abrigos afetuosos, pois isso não torna a vida moral mais fácil, mas poderemos sonhar e aspirar em torná-la mais ética.

VIDA FRAGMENTADA

Nesse ponto nos aproximamos ainda mais de Bauman ao constatar que nossas vidas navegam num mundo fragmentado, no qual cada imagem afugenta e substitui a anterior, assim sucessivamente. Celebidades surgem hoje para desaparecer amanhã sem deixar rastros – não servem como “guias” nesse labirinto de seduções efêmeras. Problemas brotam todos os dias, mas escapam assim que surgem; deixando uma sensação de vazio.

No universo dos fragmentos, a atenção tornou-se o mais escasso dos bens, em particular a atenção para o outro, para as questões da solidariedade e da humanidade. Nesse cenário, como exercer uma atitude moral que leve em conta o outro? Este é o cerne de nossos dilemas morais atuais. As possibilidades de que se alarguem os esforços por uma reflexão generosa sobre a possibilidade de se resolver estes dilemas morais numa sociedade de consumidores que privatiza, individualiza as responsabilidades, são cada vez mais restritas.

Como Hannah Arendt constatou brilhantemente, ao detectar o "vazio do espaço político",³⁰ o nosso tempo deixou de haver no corpo político lugares evidentes a partir dos quais possam fazer-se intervenções significativas e eficazes sobre o nosso modo de

³⁰ ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

vida coletivo. Intervenções parciais, segmentares, orientadas para determinadas tarefas e limitadas no tempo perdem-se nos meandros de um sistema social opaco e impermeável, para mais tarde reaparecerem, quando muito, irrompendo de um modo que evoca mais as catástrofes naturais do que os efeitos de uma ação humana deliberada.

As iniciativas privatizadas e a intervenção desregulada pura e simplesmente não funcionam: serão, quando muito, um aspecto do problema, mas nunca soluções. É evidentemente imperiosa uma espécie ou outra de ação coordenada e concertada. E essa espécie de ação chama-se *política*. A promoção de uma nova e dolorosamente necessária ética para a nova época em que vivemos só pode ser empreendida em termos de *outra Política*.

IMPÉRIO DO EFÊMERO

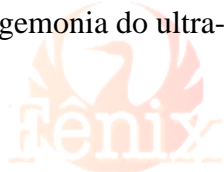
O subtítulo acima advém diretamente de uma obra elogiosa desse espírito da efemeridade, da frugalidade e da fugacidade da vida contemporânea. Gilles Lipovetsky pretende incorporar o espírito do tempo (*Zeitgeist*) e revelando com acuidade a afirmação moderna de uma descontração relaxada das atitudes, o gosto exagerado pela intimidade e pela expressão de si - antevendo as futuras redes sociais e os *selfies* -, tudo isso ligado aos pilares centrais dos valores democráticos, qual seja, autonomia, hedonismo, psicologismo.

De certa forma, podemos dizer que o filósofo francês ao fazer uma espécie de apologia desses traços coloca-se contra quase todas as correntes ideológicas ligadas à crítica e repúdio da dinâmica da dominação de classes e nas suas formas e configurações atuais. Seu trajeto apologético parte do primado do indivíduo para só daí estudar aspectos da vida material e da produção mercadológica, somando-se em seguida a publicidade, a cultura e a subjetividade propagada pela mídia.

Numa abordagem direta da fragmentação e da efemeridade, observamos que os cidadãos que vivem as suas vidas como coleções de episódios sem consequências e facilmente esquecidos são os mais apetecíveis para os governos cuja política é uma série de fragmentos inconsequentes, e tanto melhor se forem esquecidos o mais rapidamente possível. E como é fácil constatar, uma forma episódica de existência convém perfeitamente à política hodierna e à visão do mundo que dela decorre.

A perda da confiança, o afrouxamento da solidariedade e do laço social diminuem a coesão social que se torna fragilizada. Os governos desregulam tudo o que podem, para que nada possa continuar a ser percebido como duradouro e digno de confiança ou previsível, susceptível de ser garantido ou antecipado. Transferem as sedes das decisões para lugares onde os que são por elas afetados não as possam ver como decisões e passem a considerá-las efeitos do "destino cego". Governos que nos impõem que seja o funcionamento das forças do mercado a ditar os critérios que regerão as nossas existências vividas, agora tomadas como um jogo, um *game*, dependendo apenas do êxito de nossas *performances*.

No 'jogo da vida': vale tudo? Palavra de ordem geral: "que cada um jogue o melhor que pode o seu jogo". A cidadania é redefinida, em termos teóricos e práticos, quando todos são definidos como consumidores que devem ser satisfeitos; uma sociedade enfim moldada à imagem de um centro comercial. Esse conjunto de fatores minam a confiança dos governados no mundo, difundindo desconfiança uns nos outros. Além de nutrir negligência, displicência e indiferença para com os outros, resultando na hegemonia do ultra-individualismo conformista.



É POSSÍVEL UMA VIDA EM COMUM?

Está longe de ser certo que quanto mais consumimos mais felizes somos. Multiplicam-se as prisões privatizadas que nada mais são que casas protegidas por equipamentos à prova de assalto, alastrando-se os sentimentos fóbicos e os comportamentos anti-sociais. Novas formas de habitar e conviver, confiar nos outros, parecem cada vez mais utópicas. O espaço onde coabitamos poderia perfeitamente ser estruturado em termos de uma nova concertação, mas poucos se lançam nessa direção.

Sabemos que é preciso estabelecer novas bases para a "vida em comum", mas como dar atenção aos outros? Sob o império do egoísmo sabotam-se os sonhos de um mundo a ser vivido em outros horizontes.

As possibilidades concretas de um espaço concertadamente estruturado para suprir as numerosas coisas da maior importância para a vida de cada um de nós, existe de fato; porém, não merecem cuidados. Transportes, escolas, serviços médicos, meios de comunicação, etc., poderiam ser partilhados, numa vida em comum. Poderíamos ver

os outros mais como condições do que como obstáculos no que se refere ao nosso bem-estar tanto coletivo como individual; no entanto, só se difunde o oposto.

Para uma gestão dos assuntos comuns, seria preciso uma existência que não se acomodasse a vida fragmentada e descontínua - tão cara à visão conformista que vemos se difundir em Lipovetsky. A fragmentação e a descontinuidade são causa do enfraquecimento dos impulsos morais, como vimos em Durkheim e vimos confirmada em Bauman. Uma existência em que as relações são contínuas, mesmo que multifacetadas, revigoraria as responsabilidades morais e despertaria a exigência de assumirmos a tarefa de gerir os nossos assuntos, doravante efetivamente comuns.

Por fim, ao terminar nossa breve cartografia da fragmentação contemporânea, constatamos que uma vida de episódios e uma política reduzida à gestão da crise promove o abandono da *Política*, "a arte suprema no sentido socrático da palavra".³¹ Já o exercício de responsabilidades compartilhadas seria um grande passo em frente no sentido de contribuir para que os cidadãos recuperassem as vozes que perderam ou deixaram de tentar tornar audíveis, presos no seu individualismo excessivo que nada mais é que uma estetização do alheamento e do ensimesmar-se. Como disse Steven Connor, nos seus estudos sobre a *Cultura Pós-Moderna*: "Só pondo inteiramente em risco o 'nós' realizamos as possibilidades da nossa humanidade".³²

RECEBIDO EM: 26/02/2015

PARECER DADO EM: 17/12/2015

³¹ MAUSS, Marcel. Ensaio sobre o dom. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 314: "Estudos desse gênero permitem, com efeito, entrever, medir e equilibrar os diversos móveis estéticos, morais, religiosos, os diversos fatores materiais e demográficos cujo conjunto fundamenta a sociedade e constitui a vida em comum e cuja direção consciente é a arte suprema, a *Política*, no sentido socrático da palavra".

³² CONNOR, Steven. **Cultura Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1996, p. 192.